



## REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA DRAMATURGIA

Érica Antonia Caetano<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo promover uma reflexão acerca da importância da mulher na construção da sociedade. Considerando que o teatro e a educação são fortes aliados no que tange a formação de indivíduos críticos tomaremos como *corpus* de análise duas peças teatrais de períodos distintos, sendo a primeira da antiguidade clássica e a segunda da Idade Média. A primeira peça trata-se da mais antiga comédia de Aristófanes intitulada “Lisístrata”, na qual ele satiriza as tradições e a política ateniense, a segunda peça, por sua vez é “Sabedoria” de Rosvita, obra que aborda o martírio das santas virgens “Fé, Esperança e Caridade”, que foram levadas à morte pelo imperador romano Adriano, por se recusarem a adorar os deuses romanos em lugar de Cristo. Em ambas as peças o poder e a inteligência da mulher são notórios frente à sociedade em transformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro; Educação; Mulher; Representação; Sociedade.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the importance of women in building society. Whereas the theater and education are powerful allies when it comes to training individuals we take as critical analysis corpus two plays of different periods, the first and second of classical antiquity to the Middle Ages. The first part is the oldest of Aristophanes comedy entitled “Lysistrata” in which he satirized traditions and Athenian politics, the second piece in turn is “Wisdom” of Rosvita, a work that deals with the martyrdom of the holy virgins “Faith, Hope and Charity”, which were put to death by the Roman Emperor Hadrian, for refusing to worship Roman gods in place of Christ. In both pieces women’s power and intelligence are remarkable facing the changing society.

**KEYWORDS:** Theater, Education, Women, Representation, Society.

### Introdução

Quando pensamos no ensino de teatro nas escolas logo nos deparamos com uma problemática: porque ensinar/trabalhar o teatro na escola? Muitos educadores acreditam que o ensino de teatro na escola tem por mera finalidade a formação de atores e/ou profissionais, no entanto, eles acabam se esquecendo de que o teatro assim como qualquer outro tipo de arte seja ela a literatura, a escultura, a pintura, a arquitetura, entre outras, exerce funções importantíssimas na formação do caráter humano.

Nas palavras de Peixoto (1995) o teatro alimenta através dos tempos vários elementos que o distinguem enquanto expressão artística. Ele tem uma história

---

<sup>1</sup> Pós-Graduação UEL/FAFIMAN- ericaantoniacaetano@hotmail.com



característica, componente fundamental da história da produção cultural da humanidade. Todavia, neste percurso o que mais tem se alterado é a acepção da atividade teatral: sua função social. Peixoto (1995) acrescenta a esse respeito que “constantemente redefinida, na teoria e na prática, esta função social tem provocado alterações substantivas na maneira de conceber e realizar teatro” (PEIXOTO, 1995, p.11).

Os caminhos que o teatro percorreu a serviço da educação são longos e de suma importância, uma vez que vem colaborando em satisfazer os anseios do homem, conforme assinala Civita (1976). Para o autor o teatro sempre expressou os conflitos e as consequências da evolução da história, isto é, era (e continua sendo) o porta-voz do momento, do sentimento do homem que busca o novo, a evolução. Vemos então, a história da humanidade “contada” (também) por meio do teatro ao longo dos séculos.

Desse modo, buscaremos evidenciar neste trabalho a representação da mulher e a sua importância na sociedade a partir dos textos “Lístrata” de Aristófanes e “Sabedoria” de Rosvita. Para tanto, num primeiro momento faremos breve histórico do teatro e apontaremos a sua relação com a educação. Já num segundo momento iremos nos ater a questão do papel social da mulher na história da humanidade, revelando como isso acontece na dramaturgia e, sobretudo, como essas peças podem ser funcionais se bem trabalhadas na escola.

### **Gênese do teatro: da antiguidade à Idade Média**

Questões do tipo: “o que é o teatro?” e “qual a sua origem?” devem estar bem claras para compreendermos a importância do teatro na educação.

De acordo com o historiador e crítico italiano Silvio D’ Amico a palavra teatro é de denotação ambígua (apud PEIXOTO, 1995, p.12). Apoiado nesta afirmação Peixoto coloca que:

Etimologicamente a origem é o verbo grego theastai (ver, contemplar, olhar). Inicialmente designava o local onde aconteciam espetáculos. Mais tarde serve para qualquer tipo de espetáculo: danças selvagens, festas públicas, cerimônias populares, funerais solenes, desfiles militares, etc. A ideia que a palavra hoje desperta em nós só aparece definida no século XVII (PEIXOTO, 1995, p.12)



O teatro surgiu na Grécia Antiga, por volta do século V a. C. A sua consolidação, enquanto espetáculo deu-se em função das manifestações em homenagem ao deus do vinho, Dionísio. A cada nova safra de uva, era realizada uma festa em agradecimento ao deus, através de procissões. Com o passar do tempo, essas procissões, (cada vez mais elaboradas) foram chamadas de “Ditirambos”, e surgiram os “diretores de coro”, os organizadores de procissões. Nas procissões os participantes cantavam, dançavam e apresentavam diversas cenas das peripécias de Dionísio.

O primeiro diretor de coro foi Téspis, que foi convidado pelo tirano Préstato para dirigir a procissão de Atenas. Téspis desenvolveu o uso de máscaras para representar, pois, em razão do grande número de participantes, era impossível todos escutarem os relatos, entretanto podiam visualizar o sentimento da cena pelas máscaras.

O “coro” era composto pelos narradores da história, que através de representação, canções e danças, relatavam as histórias do personagem. Ele era o intermediário entre o ator e a platéia, e trazia os pensamentos e sentimentos à tona, além de trazer também a conclusão da peça. Também podia haver o “Corifeu”, que era um representante do coro que se comunicava com a platéia.

Em uma dessas procissões, Téspis inovou ao subir em um “tablado” (*Thymele* – altar), para responder ao coro, e assim, tornou-se o primeiro respondedor de coro (*hypócritas*). Em razão disso, surgiram os diálogos e Téspis tornou-se o primeiro ator grego.

Nesse período destacaram-se os escritos de Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. De acordo com Peixoto (1995, p.51) os três dramaturgos exprimem em suas obras “um movimento não apenas de ordem formal, já que cada um deles introduz inovações na estrutura dramática, como também ideológica”. Segundo Peixoto (1995):

Em Ésquilo existe fé, mas também já se evidencia um princípio de incerteza ou dúvida. Em Sófocles aumenta o significado do homem, e a ação dos deuses é injusta e autoritária: a religião existe, mas é desesperada. Em Eurípedes, que Aristóteles aponta como o mais trágico dos poetas, os homens são mostrados com mais realismo e debatem-se em conflitos interiores mais verdadeiros: é o dramaturgo de uma religião em crise e de uma sociedade em decadência (PEIXOTO, 1995, p.51-52).

Além destes, citemos Aristófanes que se destacou entre os diversos estudiosos da antiguidade como o maior representante de peças teatrais cômicas. Seus escritos revelam a



crítica intensa a realidade social, política e religiosa da sociedade ateniense. Nas palavras de Peixoto (1995, p.52) “seu teatro é marcado pelo vigor sensorial, pela capacidade de incorporar, em suas sátiras, elementos de obscenidade”. Ao todo Aristófanes escreveu mais de quarenta peças das quais somente onze são conhecidas: “Os Acarnenses” (425 a.C.); “Os Cavaleiros” (424 a.C.); “As Nuvens” (423 a.C.); “As Vespas” (422 a.C.); “A Paz” (421 a.C.); “As Aves” (414 a.C.); “Lisístrata” (411 a.C.); “As Tesmoforiantes” (411 a.C.); “As Rãs” (405 a.C.); “As mulheres na Assembléia” (392 a.C.); e “Pluto” (388 a.C.). Seus heróis suscitam o passado de Atenas, os valores democráticos, as virtudes cívicas e a solidariedade social. Comenta em diálogos mordazes e inteligentes todos os temas importantes da época – a Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta, os métodos de educação, as discussões filosóficas, o papel da mulher na sociedade e o surgimento da classe média.

O teatro medieval, por sua vez, percorreu o mesmo caminho do teatro grego: “do espetáculo litúrgico e religioso ao profano e popular, mas sob o signo do cristianismo” (PEIXOTO, 1995, p. 53).

Sitta (2005, p.45) assinala que o teatro da Idade Média fora durante um longo período o teatro condenado pela Igreja. Peixoto (1995), por sua vez, complementa que “a princípio a igreja proíbe o teatro e ameaça os atores com o fogo do inferno”, mas logo em seguida, “passa a utilizá-lo como celebração religiosa ou ensinamento” (p.53).

Embora o teatro medieval tenha como principal expoente a figura de Gil Vicente com seus “autos” religiosos, tem-se registros de outros escritores, como por exemplo, Rosvita de Gandersheim conhecida como a primeira poetisa de origem germânica. Nascida por volta de 935 e falecida por volta do ano 1000, era uma das poucas mulheres que, nesta época, se distinguiram pela cultura e refinamento. Por volta dos vinte e três anos ela entrou para um convento beneditino em Gandersheim e buscou na recuperação de valores do cristianismo primitivo, uma direção para a sociedade do século X.

À luz desse contexto sócio-histórico podemos resgatar a história do teatro e observar que ele sempre esteve ligado as questões educacionais.

### **Teatro na educação: aspectos instigantes**



É sabido que os problemas educacionais brasileiros não são fatos recentes. Todavia, conforme assinala Ribeiro (apud Machado 2004, p. 67) um dos problemas mais agravantes no que tange o ensino no país (em especial o ensino público) trata-se da falta de interesse e estímulo de uma parcela significativa de alunos para com a escola. Ainda a esse respeito, o autor afirma que os alunos “não conseguem entender o valor que tem a educação” (RIBEIRO apud Machado, 2004, p.67).

Em face desse quadro de desinteresse dos alunos muitas questões sobre o papel da arte na educação vêm sendo discutidas nos últimos anos.

Diante disso, Ribeiro (apud Machado 2004, p.68) afirma que “o ensino de teatro nas escolas pode dar uma contribuição inestimável no sentido de fazer com que as aulas se tornem muito mais interessantes e prazerosas”.

Para Nagel (2006, p.79) “a dramaturgia possibilita reflexões sobre as forças universais, revelando, de forma, muito especial, a lenta e difícil passagem do saber mítico para o saber racional”. Ela ainda complementa:

Sem sombra de dúvida, o desenvolvimento cultural e/ ou educacional passa pela poesia, pela tragédia, pela comédia. (...) O poder de formação dos homens por meio dessa arte só pode ser dimensionado pela importância dada ao teatro, pela sua larga projeção social (...) (NAGEL, 2006, p. 80)

Dessa forma, o teatro é o caminho certo para a liberação de sentimentos reprimidos. A arte de representar facilita a vida das pessoas tornando os problemas encontrados ao longo do caminho insignificantes.

O aluno aprende muito mais atuando, representando do que decorando questionários. É por isso que o teatro desde as culturas mais antigas tem sido uma fonte de cultura e educação. Conforme Peixoto (1988) o teatro diverte e educa ao mesmo tempo.

Lopes (apud Sitta, 2005), defende que “o teatro educa, se entendermos por educar a descoberta e utilização de formas e meios de apoio para o desenvolvimento do ser humano em direção à vida autônoma e conseqüente, para a sociedade de que seja membro”.

Assim sendo, ao estudarmos as peças de teatro tanto da antiguidade quanto da Idade Medieval aumentamos nossa consciência e possibilidade de visão crítica da sociedade contemporânea, uma vez que:



(...) o teatro adquiri historicamente a autoridade de um pedagogo, por levar o publico, pela emoção, ao estabelecimento de novas relações, a novas interpretações, a novos esquemas explicativos e a uma nova compreensão de si e/ou de suas próprias crenças e costumes (NAGEL, 2006, p.80).

### **A mulher na sociedade**

Ao longo da história da humanidade a discriminação da mulher permaneceu arraigada na sua diferença sexual (biológica). À mulher era reservada a formosura e não o conhecimento. Sua função se restringia a cuidar dos filhos e dos serviços domésticos, servindo também de guardiã da casa. Ela não tinha voz e nem vez na sociedade, sendo sempre alvo de exclusão.

No campo da política, por exemplo, por muito tempo a mulher foi tratada com indiferença, pois era privada do direito de votar, isto aconteceu, porque ela não era considerada cidadã. No campo das artes, não foi diferente, as primeiras peças teatrais eram representadas somente por homens e quando numa peça aparecia uma personagem feminina, era o homem quem fazia o papel também.

Contudo, a mulher vem desempenhando um papel muito importante no desenvolvimento da humanidade ao longo dos anos, principalmente no tocante da educação. Após muitas lutas em busca de garantir seu espaço no mercado de trabalho e mostrar sua capacidade intelectual a mulher hoje é responsável pela constituição do caráter do homem, é ela quem educa.

### **A mulher social em “Lisístrata” de Aristófanes e “Sabedoria” de Rosvita**

Na época em que foi escrita a peça “Lisístrata” (411 a.C.), Atenas atravessava um período difícil de sua história. Abandonados por seus aliados, os atenienses tinham a vinte e quatro quilômetros de suas cidades as tropas espartanas. Essa luta enfraquecia toda a Grécia, pondo-a a mercê dos bárbaros.

Inspirado por um profundo sentimento de patriotismo e humanidade, Aristófanes se fez porta-voz de todas as esposas e mães gregas e, por intermédio da personagem Lisístrata,



lançou um intenso apelo em favor da paz, não somente aos atenienses, mas a todos os gregos.

Em “Lisístrata” temos um grupo de mulheres que revoltadas com as batalhas masculinas seguem a proposta da protagonista (Lisístrata) de realizar uma greve de sexo, até que os homens decidam parar com suas querelas.

Lisístrata convoca todas as mulheres da região para uma reunião, a fim de tratar de um assunto que há muito tempo tem deixado-a preocupada. A primeira a chegar é Cleonice que ao ver Lisístrata diferente vai logo indagando:

**CLEONICE** – Bom dia, Lisístrata. Por que você está de cara amarrada? Deixe esse ar trágico, meu bem. Você assim vai ficar com rugas.

**LISÍSTRATA** – É, Cleonice; estou com o coração pulando de raiva de nós mesmas, mulheres. Dizem que com os homens somos espertíssimas... (LISÍSTRATA, p.1)

Após perceber que as mulheres estavam se aproximando Lisístrata começa:

**LISÍSTRATA** – Quero falar sobre uma coisa...

**CLEONICE** – É grande a coisa?

**LISÍSTRATA** – Muito grande!

**CLEONICE** – Então todas já deviam ter chegado!

**LISÍSTRATA** – (*com ar de desânimo*): A coisa não é essa em que você está pensando! Se fosse já estariam todas aqui há muito tempo. Trata-se de outra coisa, que está remexendo aqui em minha cabeça, que me faz ficar na cama virando para um lado e para outro há muitas noites.

**CLEONICE** – Então essa coisa que faz você se virar tanto deve ser o máximo!

**LISÍSTRATA** - É sim, e a salvação da pátria depende do apoio das mulheres à minha idéia.

**CLEONICE** – Das mulheres? Fraco apoio...

**LISÍSTRATA** – Fique certa de que o destino do país está em nossas mãos. Se falharmos a pátria estará perdida, será destruída por tantas lutas fratricidas. Mas se nós, as mulheres, nos unirmos, as mulheres de todos os rincões da Grécia, o país estará salvo. (LISÍSTRATA, p.1-2).

Observamos nas falas de Lisístrata o determinismo feminino, isso acontece principalmente no momento em que ela, antes de revelar o motivo da tal reunião, pergunta as mulheres:

**LISÍSTRATA** – Vocês não sentem falta dos pais de seus filhos que a guerra mantém longe de vocês? Eu sei que os maridos de quase todas estão ausentes. (LISÍSTRATA, p.3).



Elas um pouco retraídas vão respondendo vagarosamente que sim, que sentem muita saudade dos maridos ausentes. Logo, Lisístrata conta o motivo da convocação:

**LISÍSTRATA** – Então vou falar, pois não há mais razões para guardar segredo. Nós, mulheres, se quisermos obrigar nossos maridos a votar pela paz teremos de nos privar... (LISÍSTRATA, p.4).

Ansiosas e assustadas as mulheres questionam:

**CLEONICE** – De quê? Diga logo!

**LISÍSTRATA** - Vocês se privarão?

**CLEONICE** – Nós nos privaremos, ainda que tenhamos de morrer!

**LISÍSTRATA** – Muito bem: vocês terão de se privar... De fazer amor! Ei! Por que vocês estão indo embora? Aonde vocês vão? Por que estão com essa cara amuada e coçando a cabeça? E essas lágrimas? Vocês vão ou não vão fazer o que eu disse? Qual é a dificuldade? (LISÍSTRATA, p.4).

A reação das mulheres é de espanto, para elas a greve do sexo seria algo terrível, Lisístrata diante da situação de fraqueza das suas companheiras, expõe-nos sua garra de mulher determinada, mostra-se uma verdadeira educadora, com sua sagaz inteligência:

**LISÍSTRATA** – O meio é exatamente esse! Se ficamos em casa, bem pintadas, com vestidos transparentes, deixando ver certos lugares bem depiladinhos, e quando nossos maridos avançarem para nós, taradinhos, loucos para nos agarrar, nós não deixarmos, garanto que eles votarão logo pela paz! (LISISTRATA, p.4).

Reconhecendo a genialidade da ideia de Lisístrata as mulheres de Atenas, de Esparta, de Beócia e de Corinto (cidades gregas mais duramente atingidas pela guerra) decidiram por fim às hostilidades usando de uma tática pouco convencional: uma greve de sexo.

**LISÍSTRATA** – Ei! Mulheres! Venham cá depressa!

**MIRRINA** – Que foi que aconteceu? Fale! Por que esses gritos?

**LISÍSTRATA** – Um homem! Vi um homem vindo para cá com ar de tarado! Parece que ele não agüenta mais o jejum! Se a coisa continuar assim vai sair tudo como nós queremos! (LISÍSTRATA, p.17)

E realmente as coisas saem como Lisístrata havia planejado, pois os maridos não resistiram à greve e resolveram acatar o tratado de paz:



**LISÍSTRATA** – Por que, então, vocês guerreiam? Por que vocês não acabam com essas divergências e se reconciliam de uma vez por todas? Vamos! Qual é a dificuldade?

**EMBAIXADOR** – Se soubéssemos que a Conciliação era assim já estaríamos nos braços dela há muito tempo!

**MINISTRO** – Nós também queremos a Conciliação! Primeiro nós!

**LISÍSTRATA** – Calma! Calma! Ela será de todos! A Conciliação dará tudo que vocês querem quando as negociações de paz forem concluídas. Agora vão consultar todos os outros gregos.

**MINISTRO** – Para quê? Quem não vai querer essa Conciliação?

**LISÍSTRATA** – Então aprontem-se enquanto nós, mulheres, vamos fazer os preparativos lá na cidadela para recebê-los da melhor maneira possível e oferecer a vocês o que temos de mais gostoso. Durante a recepção acertaremos as coisas e trocaremos juramentos de paz. Depois cada um sairá com sua mulher. (LISÍSTRATA, p.25)

Já em Rosvita vamos encontrar peças fundamentadas em escritores clássicos greco-romanos, padres e Escritura Sagrada, na qual ela transpôs para o seu tempo, valores sociais que estavam se perdendo devido a crise que afetava o ocidente medieval. Por meio de seus escritos, Rosvita propiciou o início de uma realidade inovadora para as mulheres da época, pois estas passaram a se dedicar a cultura e aos saberes, por essa razão, começaram a ocupar espaço significativo nos feudos e, principalmente, na educação dos filhos.

Todas essas afirmativas a respeito da escritora medieval está evidente em sua obra “Sabedoria”.

Em “Sabedoria” Rosvita retrata o tempo do imperador romano Adriano e enfatiza o martírio das santas virgens filhas de Sabedoria: “Fé, Esperança e Caridade” e, sobretudo, o martírio da própria mãe (Sabedoria).

A peça tem início no momento em que as santas virgens são denunciadas por Antíoco ao imperador Adriano, acusadas de praticar a religião cristã. E por isso são levadas diante ao soberano imperador:

**ANT.:** Como te chamas, ó estrangeira?

**SAB.:** Sabedoria.

**ANT.:** O Imperador Adriano ordena que compareças ao palácio em sua presença.

**SAB.:** Não tenho receio de, na nobre companhia de minhas filhas, ir o palácio e não tremo ante a ameaça de defrontar-me, cara a cara, com o Imperador.

**05 ANT.:** A odiosa raça dos cristãos sempre está pronta a resistir às autoridades.



**SAB.:** Aquele que governa todas as coisas, Aquele que não conhece derrota, não permite que os seus sejam vencidos pelo inimigo. (ROSVITA, p.2).

Ao chegarem diante do imperador são recebidas com admiração pelo mesmo, no entanto, na mesma cena observamos a visão que o homem tem da mulher (naquela época), na fala de Antíoco, um dos servos de Adriano:

**05 ADR.:** Acaso são estas, as mulherzinhas que denunciavas por causa da religião cristã?

**ANT.:** Exatamente, são elas!

**ADR.:** Estou estupefato diante da beleza de cada uma delas, e não sou capaz de deixar de admirar seu porte pleno de dignidade.

**ANT.:** Deixai de admirar, meu senhor, e obrigai-as a adorar os deuses.

**ADR.:** Que tal se antes nos dirigirmos a elas com palavras brandas? Talvez elas queiram ceder.

**10 ANT.:** É melhor. Pois a fragilidade do sexo feminino mais facilmente amolece com palavras suaves. (ROSVITA, p.3).

As meninas, Fé (doze anos), Esperança (dez anos), e Caridade (oito anos) são constantemente interrogadas e, pela persistência na fé, são sucessivamente martirizadas. A primeira a sofrer as torturas de Adriano é a Fé:

**FÉ:** Os açoites não me obrigam a calar porque não me impressiona a dor.

**ANT.:** Ó desgraçada teimosia, ó audácia contumaz!

**ADR.:** O corpo fende-se com suplícios e a alma dela incha-se de arrogância.

**FÉ:** Erras, Adriano, se julgas dobrar-me com suplícios. Não serei eu, mas os pobres torturadores que desfalecerão e jorrará o seu suor de tanto cansaço.

**40 ADR.:** Antíoco, que se lhe sejam cortados os bicos dos seios; que, ao menos, seja ela coibida pelo rubor.

**ANT.:** Talvez assim consigamos coagi-la a ceder.

**ADR.:** É, talvez assim a forcemos a ceder.

**FÉ:** Feriste meu inviolado peito, mas não me atingiste: eis que em vez de fonte de sangue, brota o leite.

**ADR.:** Que seja posta na grelha, sobre o fogo. Que morra pela força das chamas!

**45 FÉ:** Tudo o que preparas para atormentar, torna-se, para mim, sereno repouso; por isso, tranqüilamente, vou para a caldeira como se fosse uma plácida barquinha. (ROSVITA, p.8).

A próxima vítima do terrível martírio do imperador Adriano é a Esperança:



**ESP.:** Dá-me tudo que de cruel maquinas, pois quanto mais crueldade, tanto mais ficarás desconcertado em tua derrota.

**ADR.:** Que seja dilacerada com ganchos e suspendei-a no ar até que lhe jorrem as vísceras e, com os ossos expostos, desfaleça e seus membros se rachem.

**85 ANT.:** Assim deve ser feito: é a ordem do Imperador e deve ser plenamente cumprida.

**ESP.:** Falas com a manha de uma raposa e adulas, ó Antíoco, com dissimulada astúcia.

**ANT.:** Cala a boca, desgraçada! Teu falatório vai acabar já, já.

**ESP.:** Não ocorrerá como esperas, mas haverá desconcerto para ti e para teu Imperador.

**ADR.:** Que é este doce aroma? Que magnífica suavidade é esta que sinto?

**90 ESP.:** Os golpes que embalde caíram no meu dilacerado corpo, produzem este aroma de fragrância paradisíaca, com o que, embora sem querer, és obrigado a confessar que não posso ser atingida pelos tormentos. (ROSVITA, p.10).

Caridade é então a terceira santa virgem a ser castigada por não adorar a “grande Diana”:

**CAR.:** Tuas torturas certamente estão bem preparadas, mas não me causarão mal, pois nem os chicotes podem rasgar meu corpo, nem as chamas queimar meus membros ou vestes.

**ADR.:** É o que veremos.

**CAR.:** Veremos! (ROSVITA, p.12-13).

Contudo, Adriano e Antíoco são surpreendidos com o poder da mulher representado pela personagem Caridade:

**ADR.:** Antíoco, o que te aflige? Por que razão voltas mais triste que de costume?

**ANT.:** Quando souber Vossa Majestade a causa da tristeza, não vos afligireis menos.

**ADR.:** Fala, não escondas.

**ANT.:** Aquela zombeteira daquela menina que me entregastes para que fosse atormentada, foi chicoteada na minha presença, mas sua fina pele nem sequer de leve se cortou. Depois, lancei-a na fornalha, que estava já da cor do fogo, por causa do extremo calor.

**05 ADR.:** Por que não contas logo como tudo acabou?

**ANT.:** A chama transbordou violentamente e queimou cinco mil homens.

**ADR.:** E o que aconteceu a ela?

**ANT.:** À Caridade?

**ADR.:** É, a ela.



**10 ANT.:** Andava brincando entre os vapores que vomitavam chamas e cantava louvores a seu Deus. E mais: quem olhasse atentamente, veria três jovens radiosos de claridade que a acompanhavam. (ROSVITA, p.13).

Notamos assim, que Rosvita destaca nesta peça a feminilidade das mulheres, que eram representadas sempre como belas, fortes e, sobretudo, inteligentes.

A inteligência da mulher e a inferioridade do homem fica evidente na peça também. Isso ocorre principalmente no momento em que Adriano pergunta a idade das três meninas: “Fé, Esperança e Caridade” e se vê perdido nos conceitos matemáticos de Sabedoria:

**ADR.:** Quantos anos têm?

**SAB.:** (*sussurrando*) Agrada-vos, ó filhas que perturbe com um problema aritmético a este tolo?

**30 FÉ:** Claro, mamãe. porque nós também ouviremos de bom grado.

**SAB.:** Ó Imperador, se tu perguntas a idade das meninas: Caridade tem por idade um número deficiente que é parmente par; Esperança, também um número deficiente, mas parmente ímpar; e Fé, um número excedente mas ímparmente par.

**ADR.:** Tal resposta me deixou na mesma: não sei que números são! (ROSVITA, p.4).

Vendo a ignorância do imperador Adriano, Sabedoria continua com sua explicação:

**SAB.:** Não admira, pois, tal como respondi, podem ser diversos números e não há uma única resposta.

**ADR.:** Explica de modo mais claro, senão não entendo.

**35 SAB.:** Caridade já completou 2 olimpíadas; Esperança; 2 lustros; Fé, 3 olimpíadas.

**ADR.:** E por que o número 8, que é 2 olimpíadas, e o 10, que é 2 lustros são números deficientes? E por que o 12, que perfaz 3 olimpíadas, se diz número excedente?

**SAB.:** Porque todo número, cuja soma de suas partes (isto é, seus divisores) dá menor do que esse número, chama-se deficiente, como é o caso de 8. Pois os divisores de 8 são: sua metade - 4, sua quarta parte - 2 e sua oitava parte - 1, que, somados, dão 7. Assim também o 10, cuja metade é 5, sua quinta parte é 2 e sua décima parte, 1. A soma das partes do 10 é portanto, 8, que é menor do que 10. Já, no caso contrário, o número diz-se excedente, como é o caso do 12. Pois sua metade é 6, sua terça parte, 4, sua quarta parte, 3, sua sexta parte, 2 e sua duodécima parte, 1. Somadas as partes, temos 16. Quando, porém, o número não é excedido nem inferado pela soma de suas diversas partes, então esse número é chamado número perfeito. É o caso do 6, cujas partes - 3, 2, e



1 - somadas, dão o próprio 6. Do mesmo modo, o 28, 496 e 8128 também são chamados números perfeitos.

**ADR.:** E quanto aos outros números?

**SAB.:** São todos excedentes ou deficientes. (ROSVITA, p.4).

Cansado da situação e notavelmente cansado de tantos números Adriano coloca:

**ADR.:** Oh! que minuciosa e complicada questão surgiu a partir da idade destas meninas!

**SAB.:** Nisto deve-se louvar a supereminente sabedoria do Criador e a Ciência admirável do Artífice do mundo: pois, não só no princípio criou o mundo do nada, dispondo tudo com número, peso e medida, como também nos deu a capacidade de poder dispor de admirável conhecimento das artes liberais, até mesmo sobre o suceder do tempo e das idades dos homens.

**50 ADR.:** Muito agüentei a tua "calculeira" para fazer com que me obedeças. (ROSVITA, p.5).

A peça termina com o sepultamento das três filhas de Sabedoria que após serem martirizadas são levadas ao túmulo, nesse momento Sabedoria implora por sua morte para que assim pudesse se encontrar com suas filhas: Fé, Esperança e Caridade, e sua prece é ouvida:

**SAB.:** Por isso, ó Piedoso, não te demores em cumprir as promessas, mas faze com que eu, livre, o mais depressa possível, dos vínculos do corpo, me alegre com o encontro das filhas, que não tardei em entregar para serem mortas por Tua causa, a fim de que, seguindo elas a Ti, o Cordeiro da Virgem, e entoando elas um cântico novo, possa eu regozijar-me, ouvindo-as, e alegrar-me com sua glória. E, ainda que não possa entoar o canto da virgindade, mereça eu, todavia, louvar com elas, pela eternidade, a Ti que, não sendo o mesmo que o Pai, és igual ao Pai, com o qual e com o Espírito Santo, como único Senhor do universo, único dominador absoluto das causas últimas, médias e próximas, reinas e imperas pelos séculos intermináveis da eternidade.

**MATR.:** Recebe-a, Senhor. Amém. (ROSVITA, p.14).

## Considerações Finais

Diante do exposto, constatamos que o teatro é de suma importância no que concerne a educação, especialmente, na formação do caráter humano.



A mulher que durante muito tempo foi um ser discriminado apresenta papel fundamental na dramaturgia antiga e também na medieval.

Vimos em “Lísistrata”, de Aristófanes, por exemplo, que a mulher tem o poder de persuasão, e que ela com toda a sua beleza, docilidade e sensualidade pode dominar o homem e salvar a sociedade, promovendo a paz.

Em “Sabedoria” de Rosvita vimos que a mulher é um ser belo, forte e muito inteligente, disposta a enfrentar os desafios que surgirem, seja ele qual for, a fim de garantir a educação de seus filhos.

Assim, observamos duas formas de representação feminina nas peças teatrais analisadas, a primeira é a mulher social em “Lísistrata” e a segunda, a mulher mãe em “Sabedoria”. Essas duas representações revelam que a mulher é peça essencial na educação, afinal é ela quem educa.

Acreditamos dessa maneira que o estereótipo do teatro na escola não deve ser encarado como um produto a ser exibido, mas como um recurso educativo que prioriza principalmente a formação do homem. Enfim, concluímos que a educação por meio do teatro é um caminho possível e prazeroso.

## Referências

- BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CAMPOS, Theresa C. G. *Teatro: a dramatização como forma de comunicação*. Disponível em: <http://www.abn.com.br/artthea1teatro.htm>. Acesso em 02 de Novembro de 2009.
- CIVITA, Victor. *Teatro Vivo: introdução e história*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- LISÍSTRATA. *Desvendando teatro*. Disponível em: <http://www.Desvendando teatro.com/>. Acesso em 02 de Novembro de 2009.
- Rosvita de Gandersheim*. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rosvitade\\_Gandersheim](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rosvitade_Gandersheim). Acesso em 30 de Outubro de 2009.
- Rosvita e o Restabelecimento do Teatro no Ocidente*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/spcol/rosvita.htm>. Acesso em 02 de Novembro de 2009.
- MACHADO, Irley. *Teatro: ensino, teoria e prática*. Uberlândia: EDUFU, 2004.
- NAGEL, Lizia Helena. *Dançando com os textos gregos: a intimidade da literatura com a educação*. Maringá: Eduem, 2006.
- PEIXOTO, Fernando. *O que é teatro*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SITTA, Marli Susana Carrard & Cilene Maria Potrich. *Teatro: espaço de educação, tempo para a sensibilidade*. Rio Grande do Sul: UPF, 2005.